

PROTAGONISMO JUVENIL EM ASSENTAMENTOS RURAIS: LAZER E CULTURA COMO VETORES DE AGLUTINAÇÃO

Anderson de OLIVEIRA PELEGRINI*

Julio Sérgio SIQUEIRA GHIOTTO**

Luís Antonio BARONE***

Resumo: O presente trabalho pretende realizar uma análise preliminar acerca dos resultados obtidos no trabalho intitulado: “Juventude, cultura e cidadania: estímulo às práticas de lazer para a juventude nos assentamentos rurais de Presidente Venceslau SP”, que tem seu desenvolvimento centrado numa escola de assentamento rural em Presidente Venceslau/SP. Este projeto tem por objetivo promover uma ampliação do conhecimento da juventude dos Assentamentos acerca da temática lazer, bem como colaborar para a viabilização do acesso dessa juventude a algumas formas de lazer. Pelo caráter participativo deste estudo, fez-se necessária uma metodologia qualitativa. Para tanto foi escolhida a metodologia da pesquisa-ação. Procurou-se desenvolver uma educação para a cidadania, estimulando a utilização do espaço físico da referida escola. A participação dos jovens nesse processo se deu de forma bastante ativa no que tange à inserção nas atividades desenvolvidas. No entanto, quando se fez necessário assumir responsabilidades efetivas, apresentaram-se algumas dificuldades de encontrar voluntários dispostos a assumi-las.

Palavras-Chave: Lazer; Juventude; Assentamentos Rurais.

* Endereço eletrônico: apelegrine@hotmail.com. Graduando do Curso de Educação Física da FCT/Unesp – Campus de Presidente Prudente.

** Endereço eletrônico: ghiotto@hotmail.com. Graduando do Curso de Educação Física da FCT/Unesp – Campus de Presidente Prudente.

*** Endereço eletrônico: labarone@uol.com.br. Sociólogo, professor assistente-doutor da FCT/Unesp – Campus de Presidente Prudente.

YOUTH LEADERSHIP IN RURAL SETTLEMENTS: LEISURE AND CULTURE AS VECTORS OF AGGLUTINATION

Abstract: The present work intends to accomplish a preliminary analysis concerning the results obtained in the entitled work: "Youth, culture and citizenship: incentive to the leisure practices for the youth in President Venceslau's rural settlements, that has its development centered at a school of rural settlement in Presidente Venceslau/SP. This project has for objective to promote an enlargement of the youth's of the settlements knowledge concerning the theme leisure, as well as to collaborate for the access of these people to the some forms of this. For the character democratic of this study, it was done necessary a qualitative methodology. For so much it was chosen the methodology of the research-action. It tried to develop an education for the citizenship, stimulating the use of the physical space of the referred school. The youths' participation in this process felt in an active plenty way with respect to the insert in the developed activities. However, when it was done necessary to assume effective responsibilities, they came some difficulties of finding willing volunteers to assume them.

KeyWords: Leisure, Youth, Rural Settlement

1. Introdução

Pretende-se, com o presente trabalho, agregar elementos teórico-conceituais e evidências empíricas reunidos numa discussão preliminar, visando a estabelecer uma compreensão dos resultados parciais obtidos no decorrer do projeto de estudo intitulado: "Juventude, Cultura e Cidadania: estímulo às práticas de lazer para a juventude nos assentamentos rurais de Presidente Venceslau - SP". Este trabalho de pesquisa integra um programa de extensão universitária chamado "Escola Viva", que tem seu desenvolvimento centrado na Escola Municipal de Ensino Fundamental "Dalva Ferreira Mello", localizada no Projeto de Assentamento (PA) Primavera no município de Presidente Venceslau/SP. O estudo tem como um de seus objetivos – dentro de nossas possibilidades e limitações – contribuir para a apropriação do espaço da escola por parte dos moradores dos PAs. Primavera e Tupãciretan (este último, vizinho do primeiro) e

colaborar para a melhor organização comunitária, notadamente dos jovens, com vistas a auxiliá-los em seu desenvolvimento comunitário.

A necessidade de realizar um trabalho de caráter interventivo deu-se a partir dos resultados obtidos através de projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos pela FCT/Unesp (em parceria com a Prefeitura Municipal de Presidente Venceslau), iniciados em 2002. A parceria com a Prefeitura em questão deu-se da seguinte forma: a Unesp fornece os recursos humanos para a pesquisa e extensão, através de estudantes – estagiários de extensão universitária e bolsistas de iniciação científica - e a coordenação de docentes da Faculdade de Ciências e Tecnologia, das áreas de Sociologia, Educação e Engenharia Ambiental. A Prefeitura, através da Divisão de Educação e Cultura, fornece o transporte, alimentação e hospedagem, possibilitando assim a realização das atividades.

A equipe da Unesp que desenvolve esse projeto de intervenção conta com a participação de professores da Unesp que atuam nas seguintes áreas: Sociologia Rural; Educação Popular; Engenharia Ambiental e Engenharia Florestal. Completam a equipe, alunos dos cursos de graduação em Educação Física, Matemática, Pedagogia, Geografia e Engenharia Ambiental. Ao todo, a equipe conta com a participação de aproximadamente 20 integrantes, sendo que apenas três alunos são contemplados com bolsas: uma delas de estágio (Prefeitura/CIEE), outra de iniciação científica (PIBIC/CNPq) e uma terceira de estágio de extensão (PROEX/Unesp).

Devido ao caráter participativo deste estudo, se fez necessário o uso de uma metodologia qualitativa. Para tanto foi escolhida a metodologia da pesquisa-ação, que pode ser definida, por um dos seus principais teóricos, como

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os representantes participativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2000, p.14).

Seguindo a proposta metodológica adotada, antes do início da intervenção, reuniões com a comunidade foram realizadas – nos meses de julho e agosto de 2007. Seus objetivos foram os de socialização de informações das pesquisas anteriormente realizadas e levantar quais seriam

as principais reivindicações da comunidade, suas demandas, possibilidades de realização destas, além de discutir de que forma se daria o processo de intervenção.

Após isso, foi possível iniciar o processo de intervenção. No decorrer dele, apresentaram-se alguns fatos que geraram a necessidade de reuniões com os participantes do projeto, no intuito de discutir e buscar soluções para os problemas apresentados, bem como para planejamento das atividades e equacionamento das demandas emergentes. Dos problemas, podemos destacar conflitos referentes à utilização do espaço da escola. Com relação ao planejamento, reuniões para discussão dos acontecimentos, atividades de montagem de cronogramas e delimitação de atividades a serem desenvolvidas. Os dados levantados no decorrer desse processo são os materiais de análise e discussão do presente artigo. A pesquisa encontra-se em andamento, o que implica numa limitação em termos de resultados, mas não na possibilidade de reflexões acerca dos limites e potencialidades da participação política e social dos jovens em espaços de assentamentos.

2. Juventude rural: uma identidade multidimensional

Ao tratar da juventude, nos deparamos com algumas questões. Definir o que seria esta juventude que pretendemos discutir e trabalhar não é tarefa tão simples como possa parecer. Diversas abordagens podem ser encontradas referidas a esse tema. Para Pochmann (2006), duas abordagens podem ser identificadas nas análises sobre a condição juvenil:

De uma lado, o enfoque biopsicológico que busca retratar os saberes do ser jovem vinculado à temática da transitoriedade, que emerge, sobretudo da incerteza e da instabilidade presentes na transição da fase da adolescência para a adulta. De outro, o enfoque teórico sociocultural procura considerar a natureza das formas de ser jovem num ambiente marcado por um vocabulário próprio, acompanhado de gostos específicos no vestir, relacionamento em grupo, namoro, dança, música, entre outras medidas sempre em modificação (POCHMANN, 2006, p. 219).

Os organismos internacionais, como a OMS, UNESCO e Banco Mundial, estabelecem a faixa 15 - 24 anos como sendo a faixa em que se encontra a Juventude. O recorte de Juventude a partir de uma faixa etária específica é pautado pela definição de juventude como período de transição entre a adolescência e o mundo adulto; idade que se inicia na puberdade e termina de acordo com a cultura de cada tempo e lugar. Por exemplo, fatos como casamento, a capacidade de autosustento, entre outros, indicam o fim da juventude, estimada, então, na faixa etária que vai dos 15 aos 24, 29 ou 32 anos.

Mas seria a juventude simplesmente uma etapa da vida bem delimitada e definida pela idade? Claro que não. Sabemos hoje que as idades da vida, embora ancoradas no desenvolvimento biopsíquico dos indivíduos, não é um fenômeno puramente natural, mas social e histórico. Datado, portanto, e inseparável do lento processo de constituição da modernidade (PERALVA, 1997, p. 15).

Para essa autora, caracterizar a juventude somente por critérios etários visa a homogeneizar o conceito de juventude. O recorte etário permite pesquisas quantitativas em larga escala e a definição de público alvo de políticas públicas. Mas é questionável a naturalização da associação entre juventude e uma faixa etária específica (LIRA, 2007, p. 19).

Pochmann, que faz uma crítica com relação ao critério etário que delimita a juventude, diz que

[...] torna-se simplificada demais a identificação da condição juvenil tão-somente pelo critério etário. Justamente porque a fase tipicamente transitória da juventude encontra-se identificada por uma determinação cultural no interior de cada sociedade, para além dos limites meramente fisiológicos (POCHMANN, 2006, p. 220, apud LIRA, 2007, p. 20).

A partir da classificação de Pochmann (2006), pretende-se levar em consideração que a juventude é vivida em sua plenitude dependendo da classe social em que esse jovem está inserido. Por isso, é necessário encarar a juventude também no âmbito das relações sociais. Partindo do princípio de que a juventude é uma categoria social historicamente construída, podemos afirmar, então, que cada época determinada ou contexto social específico, nos quais os jovens estão inseridos, podem

influenciar ativamente o modo de ser, viver e agir deles. Sendo assim, se faz necessária uma abordagem mais específica da população que pretendemos discutir.

Ao propor trabalhar com a juventude de assentamentos rurais, devemos primeiramente apresentar uma breve consideração acerca de sua realidade específica e alguns dados que possibilitem uma melhor compreensão de seu universo.

Conforme o último censo demográfico (IBGE 2000), no Brasil, temos 47,9 milhões de jovens de 15 a 29 anos. Desses, 8,6 milhões de jovens brasileiros estão no campo, sendo 4,59 milhões de homens e 4,01 milhões de mulheres. De acordo com a pesquisa *Políticas Públicas de /com/ para Juventude*, realizada pela Unesco (2004), a partir da década de 1970, os jovens rurais foram passando por um processo de transformação significativo, caracterizado, entre outros fatores, pela influência da cultura urbana moderna na constituição de sua identidade e pelo êxodo cada vez mais obrigatório (p.21). De acordo com o IBGE (2000), 650 mil jovens trocaram o campo pela cidade devido às dificuldades de acesso à educação formal e ao mercado de trabalho.

No entanto, não queremos apresentar aqui uma visão estereotipada da referida população. Entendemos que diversas situações forcem os jovens do meio rural a procurar alternativas que atendam às suas demandas. No caso específico dos assentamentos rurais, “os projetos de assentamentos é que não prevêm a continuidade das gerações” (Whitaker, 2006, p. 115, apud Lira, 2007, p. 45), gerando a triste realidade do êxodo. Neste trabalho, pretendemos apresentar parcialmente a situação que tal população vivencia, experimentando uma intervenção em seu cotidiano com vistas a conhecer melhor suas ações e perspectivas.

Lira (2007), ao discutir os problemas que permeiam a vida dos jovens moradores de assentamentos rurais, destaca que eles, na maioria das vezes, passam por

[...] um dilema de traçar seu projeto de vida e de pensar na família. Muitas vezes, no local onde ele vive não enxerga mais possibilidades de sua permanência e o contato com os jovens urbanos, seja na escola, nas atividades de lazer e cultura, abre possibilidades da juventude traçar o seu projeto fora do mundo rural. Por outro lado, a família é um dos motivos dessa juventude

“ficar” no assentamento ou em qualquer pequena propriedade rural (LIRA, 2007, p. 23).

Esses fatores apresentados são apenas alguns dos que cercam a juventude do meio rural. Poderíamos destacar, ainda, como fatores que colaboram para o êxodo da juventude, a sucessão indefinida, a dificuldade com relação à produção no lote, a relação subalterna nos processos de decisão, o contato com a cultura da cidade e tudo que ela lhe “oferece”. Como vemos, são muitos os motivos que levam essa população a buscar alternativas de vida e o lazer na cidade.

3. Problemas da população jovem dos assentamentos rurais de Presidente Venceslau

O município de Presidente Venceslau, no qual se localizam os assentamentos alvo da pesquisa, está situado na 10^a Região Administrativa do Estado de São Paulo, no extremo oeste do estado - região conhecida como Pontal do Paranapanema. É uma região bastante importante quando nos referimos à reforma agrária, pois, com uma ocupação que data do final do século XIX, o Pontal do Paranapanema revela, em seu histórico fundiário, o mais conhecido caso de grilagem de terras do país (Leite, 1999). Esse motivo torna essa região área de forte confronto agrário ainda nos dias de hoje.

A partir dos anos 1990, essa região passou a ser palco da mais abrangente iniciativa de assentamentos rurais do Estado, caracterizando-se, a partir de então, pelos conflitos fundiários e pela forte intervenção do governo estadual na promoção de assentamentos de trabalhadores rurais (FERNANDES, 1996). De aproximadamente 5 mil famílias assentadas na região, cerca de 250 estão em PAs no município de Presidente Venceslau.

Esse município tem quatro Projetos de Assentamentos (PA.s) em seu território:

- P.A. Primavera, com 128 lotes familiares;
- P.A. Tupã-Ciretã, com 72 lotes familiares;
- P.A. Radar, com 29 lotes familiares;

- P.A. Sta. Maria, com 17 lotes familiares.

O processo de intervenção que vem sendo realizado em parceria com a comunidade e a Prefeitura acontece na escola municipal do PA. Primavera, localizada onde antes eram a sede e o estábulo da fazenda. A escola foi criada oficialmente em 2001 e conta com uma estrutura muito boa, embora nem sempre bem conservada, com destaque para uma piscina (remanescente da “era de ouro” da fazenda). Destaca-se que esse equipamento passou a ser o centro das atividades de lazer que o projeto desenvolve neste PA. E, portanto, principal tema de discussão-intervenção junto aos jovens do local.

No ano de 2006, o acompanhamento da experiência educacional na escola de Educação Fundamental (pré-escola e 1^a a 4^a séries) do PA Primavera revelou uma drástica diminuição do número de alunos. Estava previsto no cronograma do projeto, para um futuro próximo, um levantamento socioeconômico da população assentada. A equipe, então, antecipou essa atividade e programou um amplo levantamento populacional com vistas a averiguar a demanda escolar dos assentamentos Primavera e Tupãciretan (assentamentos atendidos pela referida escola). Em julho deste ano, a pesquisa nos assentamentos rurais Primavera e Tupãciretan percorreu todos os seus lotes e, através de um questionário, levantou, dentre outras coisas, a faixa etária da população residente, a demanda escolar atual e a opinião acerca da escola de ensino fundamental, localizada no assentamento Primavera.

Ficou constatado um decrescente número de crianças para as classes da escola do assentamento. Por outro lado, o número de jovens é bastante elevado (sendo praticamente equivalente o número dos que estudam e dos que estão fora da escola). Os assentados também dizem, em suas respostas, que gostariam que a escola oferecesse “atividades de cultura, lazer, esportes, festas etc.” (LIRA, 2007, p. 37).

Com vistas a promover uma ampliação do conhecimento da juventude desses assentamentos acerca da temática lazer, bem como colaborar para a viabilização do acesso deles a algumas formas de lazer e recreação, minimizando assim seus problemas referentes ao lazer, projetou-se uma série de atividades esportivas, recreativas e culturais com a referida população. Após negociações entre a Unesp e a Prefeitura de Presidente Venceslau, contratou-se um estagiário, responsável pela realização de tais atividades. Tem início, então, um plano de trabalho que coincide com uma pesquisa qualitativa nos moldes da pesquisa-ação. Como proposta de ação,

a intervenção objetiva, a partir do estagiário na escola (sempre aos domingos), mobilizar e nuclear a juventude moradora nos assentamentos, tendo distintas práticas de lazer, esporte e diversão, como ocasiões para se propor e avaliar a participação do grupo.

Entendemos que através da realização dessas atividades, poderemos incitar, nos jovens, uma maior e melhor apropriação do espaço da escola, possibilitando assim que sejam agentes importantes na sua realidade. Também buscamos auxiliar no que se refere a construir práticas concretas de organização comunitária, visando a suprir algumas de suas demandas. Esperamos que as atividades que envolvem as práticas de lazer desses jovens possibilitem o desenvolvimento de atitudes organizativas e despertem neles um potencial mínimo de organização e que, também, lideranças se destaquem no decorrer do processo.

4. Breve consideração acerca do tema “Lazer”

Utilizaremos a definição de lazer para as atividades realizadas pelos jovens nos finais de semana, caracterizando assim a utilização de um tempo livre, ou tempo disponível. Nele, os sujeitos estão liberados das obrigações e do trabalho e podem dedicar-se à realização de atividades lúdicas, recreativas, ou qualquer outra que lhes proporcione prazer e ou divertimento. Essa definição que acabamos de colocar vai ao encontro do que afirma Camargo (1989), quando este apresenta o lazer como

[...] um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos, realizadas num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico e que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. (CAMARGO, 1989, p. 25).

Ou seja, todas as atividades humanas, culturais e socialmente produzidas, exceto o trabalho e as atividades domésticas, podem ser consideradas atividades de lazer. O autor aponta, ainda, um elemento importante, que merece destaque: afirma que o lazer é uma conquista

vinculada à disputa entre a extensão da jornada de trabalho e o tempo livre da classe trabalhadora. Apresenta, então, o lazer em uma relação direta com o trabalho, no sentido que o lazer só pode ser desenvolvido em momentos nos quais o indivíduo não está preso às suas obrigações ou afazeres laborais.

Dumazedier, outro importante estudioso dessa temática, aponta para o mesmo sentido de Camargo, ao afirmar que o lazer surge juntamente com a revolução industrial. Para ele, desde o nascimento da sociedade industrial (início do Século XIX), os pensadores sociais previram a importância do lazer, ou antes, do “Tempo Liberado” pela redução do trabalho industrial (DUMAZEDIER, 1976, p. 19, 20).

Sendo assim, o lazer, na compreensão de Dumazedier, seria o uso que se faz do tempo liberado, principalmente das obrigações do trabalho. Várias atividades culturais eram desenvolvidas antes da revolução industrial. Seriam elas: cantos, jogos, cerimônias, celebrações, brincadeiras, pausas para repouso durante o trabalho.

Em todas as sociedades do período arcaico, o trabalho e o jogo estão integrados nas festas, através das quais o homem participa do mundo de seus ancestrais. Essas duas atividades, ainda que distintas, por seus fins práticos, têm significados da mesma natureza, na vida essencial da comunidade. A festa engloba o trabalho e o jogo. Frequentemente, trabalho e jogo se misturam e uma oposição é irrelevante e até inexistente. O lazer é um conceito que não se coaduna com o período arcaico, e nem com o período pré-industrial (DUMAZEDIER, 1999, p. 48).

Contudo, essas atividades não se configurariam como lazer, pois estavam relacionadas diretamente ao culto e às manifestações religiosas.

Outro estudo, que dá sequência ao conceito originário de Dumazedier, com certa ampliação, é o de Marcellino (1995). Este, a exemplo de Dumazedier, procura apresentar o lazer de uma forma bem ampla, sendo esta uma atividade desinteressada, sem fins lucrativos, relaxante, sociabilizante e liberatória.

A ampliação desse conceito apresenta-se em uma formulação em que o lazer passa pela apropriação da produção cultural existente na sociedade. Para esse autor,

[...] a democracia política e econômica é condição básica, ainda que não suficiente, para uma verdadeira cultura popular; para a eliminação das barreiras sociais que inibem a criação e prática culturais. O que pretendo enfatizar é a necessidade e a importância de uma ação cultural específica, voltada para a produção e difusão de uma cultura de base popular, que contribua para a superação das atitudes conformistas e que possibilite a extensão da participação crítica e criativa muito além das minorias privilegiadas. Educar para o lazer, aproveitando o potencial das atividades desenvolvidas no “tempo livre”, significa acelerar o processo de mudança que possibilitará a instalação dessa nova ordem no plano cultural (MARCELINO, 1996, p. 84).

Marcelino afirma, em sua obra, que a ação dos educadores poderia transformar o lazer em elemento de mudança ou de acomodação, em fator de humanização ou simples bem de consumo.

Portanto, dessa forma, Marcelino prefere entender o lazer como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível” (MARCELINO, 1995, p. 31). Outra afirmação interessante apresentada por Marcelino é que, embora o descanso e o divertimento sejam os valores frequentemente mais associados ao lazer, outras possibilidades se abrem com ele.

Trata-se do desenvolvimento pessoal e social que o lazer enseja. No teatro, no turismo, na festa etc., estão presentes oportunidades privilegiadas, porque espontâneas, de tomada de contato, percepção e reflexão sobre as pessoas e as realidades nas quais estão inseridas. Deve-se levar em conta ainda, que se o conteúdo das atividades de lazer pode ser altamente “educativo”, também a forma como são desenvolvidas abre possibilidades “pedagógicas” muito grandes, uma vez que o componente lúdico, do jogo, do brinquedo, do

"faz-de-conta", que permeia o lazer é uma espécie de denúncia da "realidade", deixando clara a contradição entre obrigação e prazer (MARCELINO, 1996, p.14).

Assim, o lazer, em sua forma ideal, poderia ser um instrumento de promoção social, servindo para auxiliar no rompimento da alienação do trabalho e apresentando-se politicamente como um mecanismo inovador aos trabalhadores, na medida em que estabelece novas perspectivas de relacionamento social, promove a integração do ser humano livremente no seu contexto social. Seria, assim, um meio para o desenvolvimento de sua capacidade crítica, criativa e transformadora e para proporcionar condições de bem-estar físico e mental ao ser humano.

Usando a definição de Marcelino (1995), para entender o lazer, podemos dizer que ele é um elemento da cultura humana, sendo esta vivenciada no seu sentido mais amplo quando exercida no tempo disponível. Afirmamos, ainda, que essas práticas são de vital importância para o cotidiano das pessoas, bem como para o seu desenvolvimento. Sendo assim e com base nos levantamentos apontados anteriormente – que apresentam uma demanda por tais práticas nos assentamentos – surge, então, a necessidade de trabalhar, em conjunto com a comunidade, na tentativa de atender às demandas dos jovens, proporcionando a eles condições objetivas de se apropriarem dessas vivências e, a partir delas, desenvolverem uma visão crítica acerca da realidade, bem como uma tomada de posição política nos processos socioeconômicos e políticos nos quais estão inseridos.

5. O processo de intervenção: descrição de situações críticas

Após duas reuniões com representantes da comunidade e da Prefeitura Municipal, foi marcado, para setembro de 2007, o início das atividades na escola, previstas para iniciarem-se com o desenvolvimento de atividades esportivas (principalmente futebol e vôlei), recreativas (com a utilização do equipamento de áudio e vídeo da escola, bem como um aparelho de televisão com acesso a sinal via satélite), uso dos computadores da escola – sempre com acompanhamento de monitor. Com relação ao equipamento de informática, o uso era apenas de forma recreativa, não

havendo ainda a realização de aulas sistematizadas de informática². Mesmo contra a proposta da equipe da UNESP, também foi utilizada a piscina da escola desde o primeiro encontro.

As discussões acerca da utilização da piscina da escola é, sem dúvida, o fato que merece mais destaque e que vai apresentar-se como centro de atenções no decorrer deste trabalho. Isto se deve à sua forma de utilização. Desde o principio das atividades, a piscina foi utilizada, atendendo a uma demanda de muito tempo nos assentamentos. Isto porque a piscina esteve abandonada desde antes da implantação do PA e os assentados quase nunca tiveram oportunidade de utilizá-la³.

O “casarão”, como é chamada a área onde hoje funciona a escola, conta com essa piscina, que é cheia sempre que for utilizada. A mesma não possui motor, bomba e filtro, necessitando, assim, também ser esvaziada após o seu uso. Na primeira reunião com os representantes da comunidade e a Prefeitura, o próprio prefeito, ao ser questionado sobre uma possível reforma da piscina, afirmou “não haver problema” quanto à sua reforma e que isso “era fácil” – colocando, como proposta, que a piscina funcionasse provisoriamente até que se realizasse a reforma na mesma.

Ao chegarmos ao assentamento, no primeiro encontro da intervenção, encontramos a piscina já cheia e ela tornou-se a principal atividade desde então – embora outras venham sendo desenvolvidas, dentre elas podemos como: jogos de futebol e vôlei, jogos e brincadeiras coletivas, filmes, música, aulas de informática etc. Para a manutenção da piscina, surgiram algumas demandas. A primeira foi a necessidade de conseguir uma mangueira para enchê-la, que seria acoplada a uma bomba que serve para abastecer a caixa d’água da escola. Nas primeiras semanas do projeto, a solução do problema deu-se da seguinte forma: uma das moradoras do assentamento, que trabalha com horticultura, emprestou provisoriamente uma mangueira sua, com a condição de que seu filho levasse a mangueira, utilizasse-a e depois a levasse embora, pois necessitava da mesma para seu trabalho diário.

² Atualmente, um novo estagiário desenvolve um curso básico de informática na sala de computadores da escola. O número de inscritos neste curso é próximo de 30 pessoas.

³ A pesquisa registrou que a piscina foi utilizada uma vez, por ocasião de um encontro do MST ocorrido no PA Primavera. Também foi informada a utilização da mesma pela família da caseira da Escola, em finais de semana – antes do início do projeto.

No entanto, essa solução durou apenas algumas semanas, pois o filho da moradora retirou-se do assentamento para trabalhar fora, não podendo mais encher a piscina e a piscina não pôde mais ser utilizada por três semanas seguidas. Na tentativa de solucionar o problema, os participantes do projeto, em uma das reuniões periódicas de discussão, decidiram solicitar que a Prefeitura realizasse a aquisição de uma mangueira, medida esta que levou algum tempo para se concretizar. Primeiramente, a Prefeitura demorou três semanas para adquirir a mangueira e, quando esta chegou na escola, notou-se que seu diâmetro não era suficiente para encher a piscina com eficiência, necessitando-se, assim, sua troca. Isto acarretou a espera de mais algumas semanas.

Tamanha demora na resolução do problema não foi, ao contrário do que parece, responsabilidade única da Prefeitura. Os participantes do projeto – os jovens – embora incentivados pelos componentes da equipe da Unesp, não colaboraram para apressar a aquisição e, principalmente, a substituição da mangueira. Isto só ocorreu porque um funcionário da Prefeitura – o motorista do ônibus escolar, que nos finais de semana circula pela estrada principal apanhando os participantes do projeto e levando-os à escola – levou a mangueira à cidade e realizou a troca.

Nesse mesmo período (entre setembro e outubro/2007), no decorrer das reuniões do projeto, outras demandas foram surgindo e outras atividades relacionadas ao projeto maior foram sendo agendadas. Ao lado da escola existe uma represa, que por vários anos estava estourada. Após obras realizadas pela Companhia de Desenvolvimento Agrícola de São Paulo (CODASP), que restaurou a barragem, a represa voltou a encher. O novo represamento iniciou uma discussão acerca da necessidade da recomposição de sua mata ciliar, necessidade esta que vai ao encontro, não apenas do cumprimento da legislação vigente, mas também de uma melhoria da qualidade de vida dos moradores das áreas adjacentes do espelho d'água, bem como da melhoria da qualidade da água da represa, diminuindo a incidência de assoreamento.

O projeto maior – projeto “Escola Viva” – conta com uma equipe interdisciplinar para sua realização (como citado anteriormente). Uma equipe composta por professores e alunos da engenharia ambiental ficou responsável por coordenar a realização do referido reflorestamento. Estamos citando esse episódio para melhor explicitar outros acontecimentos interligados e também pela dificuldade de desassociar eventos protagonizados simultaneamente pelos mesmos agentes.

Sendo os jovens o principal segmento da população atingida pelo projeto, sua participação nas atividades ligadas ao reflorestamento foi de extrema importância. Basicamente, duas atividades deram-se naquele momento. A primeira foi a limpeza da área a ser plantada com as mudas de espécies nativas; e, na semana seguinte, um mutirão para realização do plantio.

A limpeza contou com a participação de cerca de 10 jovens e o plantio, de aproximadamente 25. Cerca de 600 mudas foram plantadas no entorno da escola. O número de jovens que participavam de outras atividades do projeto naquela época era pouco maior, tendo em média 40 jovens por final de semana. Diversas hipóteses foram levantadas para explicar a pequena participação dos jovens nessas atividades. Dentre elas, podemos citar: os horários das atividades de reflorestamento terem sido diferentes do horário normal das atividades; dificuldades na circulação das informações; desinteresse dos jovens pelo trabalho na represa. No entanto, concluiu-se que, no conjunto, os participantes mais habituais da piscina colaboraram nos dois dias de trabalho na represa.

Outro episódio, gerado principalmente pela realização do reflorestamento, foi o agravamento das dificuldades de relacionamento com a caseira da escola. Esta, desde o início do projeto, colocou-se contrária à realização do mesmo, alegando: problemas disciplinares dos participantes do projeto, que desrespeitariam a ela e sua família; o uso inadequado do espaço da escola e o excesso de carga de trabalho, dado que a utilização do espaço da escola aos domingos implicaria em aumento da demanda de limpeza do local. Tais alegações a fizeram sentir-se desobrigada de contribuir voluntariamente para o mesmo. Ela sempre reclamou de problemas trabalhistas com a Prefeitura, como o não pagamento de horas extras, por exemplo. A Prefeitura, por sua vez, alega que os funcionários da escola gozam de folga no período de férias dos alunos – tornando a colaboração nos finais de semana (mesmo que esporádica), uma forma de compensar a folga dos meses de dezembro e janeiro.

A crise com a funcionária agravou-se quando, ao realizar a limpeza do local do plantio das mudas, notou-se uma indevida acomodação do lixo produzido pela escola e pela moradia da caseira, como também a existência de uma pocilga em local impróprio, muito próximo à represa. Ao ser comunicada sobre os procedimentos corretos que deveria adotar, ela apresentou resistência em tomar as devidas providências. Provavelmente insatisfeita com o que acontecia na área comunitária do PA, acabou saindo, do emprego no início de 2008.

Algumas atitudes provenientes da caseira foram classificadas como forma de retaliação ao projeto. Fez diversas reclamações e acusações realizadas diretamente à diretora da escola e à secretária de ensino do município. Dentre elas, podemos citar: extravio de materiais da escola; indisciplina dos participantes do projeto; consumo de bebidas alcoólicas no recinto da escola durante o projeto, entre outras. A dificuldade de relação entre a equipe da Unesp e a caseira da escola, como também outros problemas da alegada insubordinação dessa funcionária, resultaram na transferência da mesma para outro departamento da Prefeitura.

Ainda em 2007, outro fato bastante interessante, que cabe ser explorado, foi o acontecimento de uma atividade de confraternização, com o intuito de encerrar as atividades daquele ano. A proposta surgiu por parte dos participantes do projeto, quando um deles sugeriu a realização de uma brincadeira de confraternização com troca de presentes - conhecida como "amigo secreto". Assim, nasceu a idéia de que a realização dessa brincadeira fosse acompanhada de uma festa de confraternização. Foi proposto que a "festa" acontecesse no horário do almoço, no último domingo programado para a intervenção - possibilitando assim a realização de um churrasco. Os gastos com a festa foram divididos entre a Prefeitura Municipal, a Unesp e uma das associações de produtores rurais existentes nos Assentamentos. Os próprios moradores se encarregaram de realizar o preparo dos alimentos e acondicionamento das bebidas.

A "festa" de encerramento das atividades de 2007 contou com a presença de aproximadamente 100 pessoas, dentre elas os professores e estudantes da Unesp que fazem parte da equipe do projeto, representantes da Prefeitura Municipal, inclusive uma secretária da administração e os moradores dos assentamentos, que se faziam maioria. Avalia-se que a festa trouxe resultados bastante positivos, dentre os quais poderíamos citar: uma maior aproximação entre os moradores dos assentamentos participantes do projeto e os membros da equipe da Unesp; a possibilidade de um trabalho coletivo organizado em prol de um objetivo comum; um diálogo mais aprofundado sobre os anseios, perspectivas e opiniões dos assentados acerca de sua realidade, do seu dia-a-dia e do futuro do projeto - coisas que, muitas vezes, não se manifestam abertamente em reuniões e espaços nos quais se faz necessário falar em público.

O projeto, na sua face interventiva, foi interrompido por aproximadamente um mês, de 20 de dezembro de 2007 até 20 de janeiro de 2008, período correspondente às férias letivas na faculdade. Devido a que grande parte dos estudantes da equipe é oriunda de regiões distantes,

retomaram-se as atividades apenas no ultimo final de semana de janeiro. Assim como houve a interrupção do andamento do projeto no final do ano, também ocorre, atualmente, sua suspensão quando se aproximam feriados que podem ser considerados “prolongados” para que os integrantes da equipe possam viajar para rever suas famílias. Outro motivo que gera a necessidade de interrupção das atividades é que, nos finais de semana prolongados, a escola é requisitada por outros segmentos da sociedade para utilização de seu espaço. Especialmente igrejas evangélicas têm feito uso da escola para realizar cursos e retiros nessas datas.

Como é de praxe, no final de semana do carnaval de 2008, as atividades do projeto foram suspensas e a escola foi ocupada por um grupo de pessoas oriundas de uma igreja evangélica para realização de um retiro espiritual. Dias depois, ao realizarmos uma reunião na Prefeitura para encaminhar demandas do projeto, fomos comunicados que, durante a realização do retiro dos evangélicos, no carnaval, houve um desagradável incidente, contando com a presença de alguns jovens que eventualmente participavam do projeto. Esses jovens, ao reivindicarem o uso da piscina, teriam gerado desconforto aos participantes do retiro, pois estariam fazendo uso de bebida alcoólica, produto que não é consumido pelos seguidores daquela instituição religiosa.

Ainda segundo os evangélicos, os jovens apresentaram resistência em se retirar do local e estariam também portando algum tipo de arma branca cortante, algo parecido com um canivete. Foi realizada uma gravação de vídeo de uma conversa com os jovens, na qual realmente os jovens seguravam uma garrafa de vinho. Entretanto, nenhum material parecido com uma faca ou canivete pôde ser visto. Ao serem questionados em nosso retorno às atividades no final de semana seguinte, os jovens envolvidos se mostraram revoltados contra um exagero dos evangélicos em suas acusações. Disseram que discutiram sim sobre o uso de bebida (eles não se sentiam obrigados a ficar sem isso), mas foram convidados para jogar bola e entrar na piscina.

Tal incidente gerou ampla repercussão, refletindo diretamente no andamento das atividades do projeto. Afirmações como a da antiga caseira, que destacava o uso de bebida alcoólica no espaço da escola no decorrer das atividades do projeto, voltaram a ser mencionadas. Embora afirmássemos categoricamente que, durante a realização do projeto, nenhum consumo de bebida alcoólica fosse permitido, regra amplamente discutida e divulgada para os participantes do projeto, tivemos que enfrentar pressões.

Esse fato, somado às diversas acusações advindas da caseira da escola, chegou a resultar numa atitude da diretora da escola, que optou pelo fechamento do espaço interno do “casarão”, no qual eram desenvolvidas atividades nos computadores, com o aparelho de televisão e dvd, jogos, entre outros. Foi permitido, apenas, o uso do espaço externo da escola, ou seja, a piscina, a quadra poliesportiva e o pátio. Posteriormente, em nova reunião com a diretora da escola, após melhor esclarecimento dos acontecimentos, o casarão pôde voltar a ser utilizado.

6. Considerações Finais

Esses acontecimentos apresentados são alguns dos que mais nos chamaram a atenção, colocando como possibilidade de análise para melhor compreensão do processo. Problemas como esses citados acima são sempre levados ao coletivo e discutidos para encontrar qual a melhor forma de solucioná-los. Esperamos sempre que, tanto a elaboração de soluções para os problemas, bem com sua execução, partam dos jovens, o que, na maioria das vezes, não acontece. Para ilustrar citaremos um último fato, ocorrido recentemente.

Em um dos finais de semana do mês de abril/2008, a equipe da Unesp se retirou da escola por volta das 16h30. O ônibus que levaria os moradores de volta para casa ainda não havia chegado. Deixamos alguns jovens, previamente escolhidos, responsáveis pelo esvaziamento da piscina, fechamos o casarão e partimos. O ônibus veio buscá-los aproximadamente às 17h. Na semana seguinte, fomos informados que alguns fatos haviam ocorrido. A nova caseira, que se colocou muito mais aberta ao diálogo e procura sempre colaborar com o projeto, nos informou que, após nossa ida, alguns jovens comportaram-se inadequadamente. Alguns deles, que estavam andando de moto, começaram a brincar na borda da piscina, enquanto outros empinavam suas motos no pátio da escola - o que gerou a queda de um deles, sem maiores complicações. Ela pediu para que conversássemos com os jovens para que o fato não se repetisse.

Ao expor o problema nas reuniões corriqueiras e esperando que eles tomassem uma decisão no sentido de cuidar para que o fato não voltasse a ocorrer, afirmaram que os jovens das motos não participavam do projeto, e que também não seriam moradores do assentamento. É mais: a proposta

apresentada por eles foi a de encerrar as atividades sempre no momento em que a equipe da Unesp fosse embora, não havendo, assim, a necessidade de deixar alguém responsável por cuidar da escola na nossa ausência.

Desde o início do projeto, busca-se, de forma bastante cautelosa, que líderes se destaquem no decorrer do processo. Com o objetivo de que possam assumir maiores responsabilidades em relação ao coletivo, de forma a partir-se para uma auto-organização, com vistas a caminhar para concretizar os objetivos traçados no início, quando se projetou a organização comunitária como meta para uma melhoria na qualidade do desenvolvimento do assentamento.

Esperava-se encontrar, dentre os jovens, potenciais líderes, principalmente pelo fato das atividades do projeto serem dirigidas mais especificamente para esse segmento. Também porque as principais reivindicações, apresentadas nas pesquisas anteriores, se referiam a demandas desse setor da população. Observou-se que a participação dos jovens nesse processo tem se dado de forma bastante ativa no que tange à inserção nas atividades desenvolvidas. No entanto, quando se fez necessário assumir responsabilidades efetivas, apresentaram-se sérias dificuldades de encontrar voluntários dispostos a assumi-las.

Pode-se concluir, parcialmente, que os jovens assentados participantes do projeto estão ainda distantes de realizar o ideal do lazer, enquanto um momento libertador e criativo no tocante à auto-organização de seu principal espaço de recreação. Preliminarmente, verifica-se que os jovens estão num processo de apropriação do espaço escolar – agora tornado espaço de lazer e sociabilidade – algo que é positivo. Mesmo o conflito ocorrido com os evangélicos, no carnaval de 2008, pode ser positivamente avaliado nesse sentido: ali, os jovens claramente se postaram como detentores de direitos – coisa antes negada.

Resta, no entanto, que os mesmos se assumam como detentores de responsabilidades sobre o espaço comunitário da escola (e a piscina como seu principal equipamento de lazer). O projeto tem discutido com os assentados – muitos deles, pais dos participantes da intervenção aos finais de semana - a necessidade de se formar um organismo representativo de todo o assentamento, do qual alguns jovens poderiam participar como delegados do projeto. No entanto, os próprios titulares de lotes resistem a se envolverem com atividades de gestão comunitária (como no caso da represa) – o que nos indica que os problemas não estão restritos apenas à juventude.

7. Referências bibliográficas

CAMARGO, L. O. L. **O que é Lazer**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo, Perspectiva, 1976. 333p.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer**, São Paulo, Perspectiva: Sesc, 1999. 244p.

FERNANDES, B. M. **MST: formação e territorialização** – São Paulo, Hucitec, 1996.

LEITE, J. F. **A Ocupação do Pontal do Paranapanema**. – São Paulo: Hucitec Ltda., 1998.

LIRA, T. S. **“Poder Local e Assentamentos Rurais: expressões de conflito, de acomodação e de resistência”** Juventude dos P.A.’s Primavera e Tupanciretã – Presidente Venceslau – **relatório final CNPq/PIBIC, 2007**.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Educação**, Campinas/SP: Papirus, 1995. 164p.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do Lazer - uma introdução**, ampinas/SP: Autores Associados, 1996. 99 p.

PERALVA, A. **O jovem como modelo cultural**, Revista Brasileira de Educação, São Paulo, 1997.

POCHMANN, M. **Juventude em busca de novos caminhos no Brasil** in Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Fundação Perseu ABRAMO, 2006. pág. 217-241.

THIOLLENT, M, **Metodologia da pesquisa-ação** - 9. ed. - São Paulo: Cortez : Autores Associados, 2000.